

Boletim

CENÁRIOS ECONÔMICOS

Janeiro 2026



“ ”



Inflação IPCA/INPC

IPCA
mensal

+0,33%
Dez/25

Acumulado em
2025

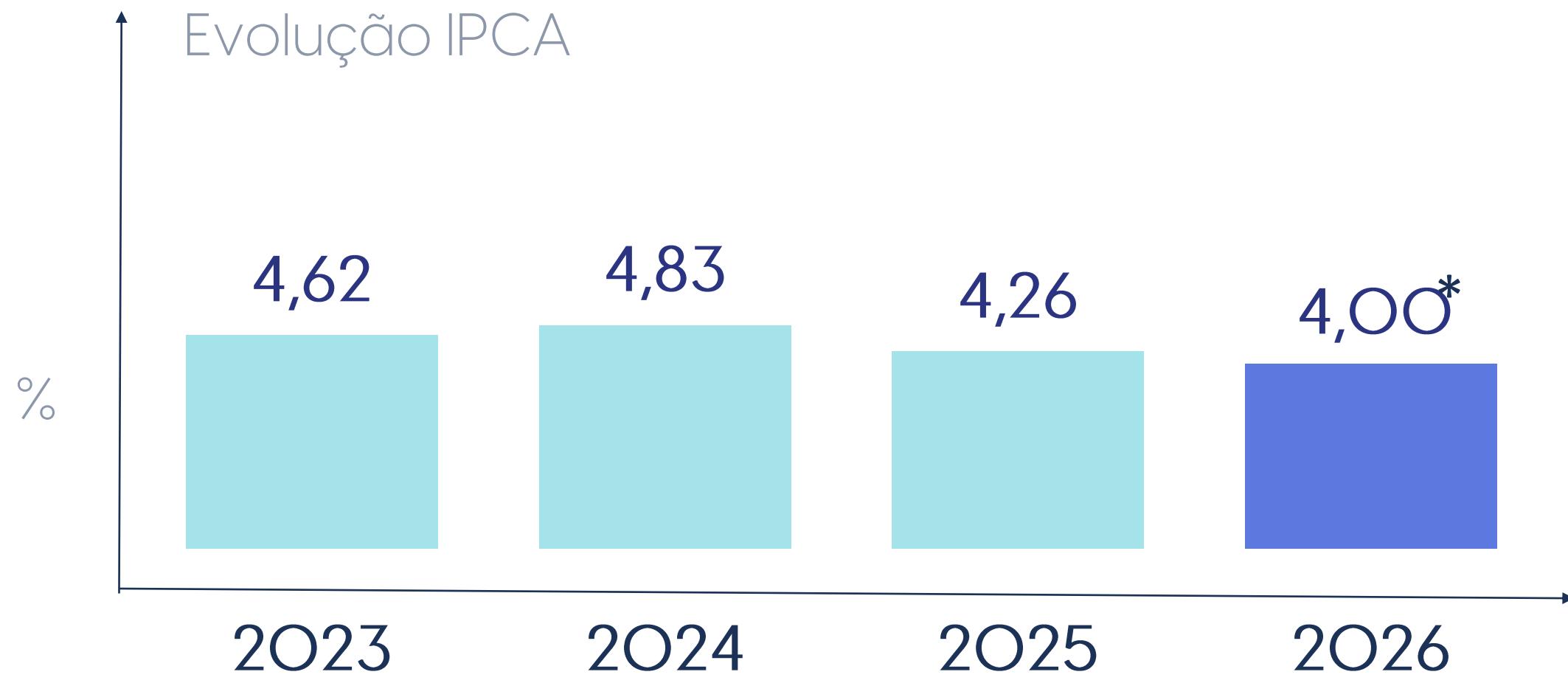
+4,26%

INPC
mensal

+0,21%
Dez/25

Acumulado em
2025

+3,90%



* O valor referente a 2026 é a mediana das expectativas do IPCA fornecida pelas instituições que participam da pesquisa do Banco Central do Brasil (em 23/01/2026).

Fonte: IBGE/Bacen, elaborado pela Previ



MAIOR PESO

na renda das famílias

IPCA 2025



21,43%

Alimentação
e bebidas

variação de +0,27%

MAIOR VARIAÇÃO

Dos 9 grupos do IPCA

IPCA 2025



+0,74%

Transportes

peso de 20,30%

IPCA

Variação dos itens



Laranja-Baía

+21,8%



Abacate

+17,0%



Peixe-filhote

+16,0%

Pepino

-16,6%



Limão

-11,3%



Morango

-8,2%



Cenário Interno

Inflação - IPCA

Em dezembro, o IPCA avançou 0,33%, acima dos 0,18% de novembro, porém dentro das expectativas do mercado, que variavam entre 0,33% e 0,35%. Essa foi a menor variação para o mês desde 2018. No acumulado de 12 meses, a inflação desacelerou para 4,26%, encerrando 2025 dentro do intervalo de tolerância da meta. A proporção de itens com alta de preços aumentou para 60,5%, revertendo a tendência de queda anterior, com destaque para "Alimentação e bebidas" e "Artigos de residência".

Entre os grupos que compõem o índice, Transportes apresentou a maior alta, com avanço de 0,74% e impacto de 0,15 ponto percentual, impulsionado por passagens aéreas e transporte por aplicativo. Os combustíveis subiram 0,45%, revertendo a queda anterior, enquanto o transporte público recuou devido a gratuidades em feriados e reduções tarifárias em algumas capitais.

O grupo Alimentação e bebidas subiu 0,27%, interrompendo seis meses de queda no item alimentação no domicílio. A alta nos alimentos foi motivada por menor oferta de hortaliças e tubérculos e maior demanda por carnes e frutas no período de festas. Em contrapartida, itens como leite, tomate e arroz caíram, refletindo normalização dos estoques. A alimentação fora do domicílio acelerou, pressionada por reajustes em lanches e refeições. Saúde e cuidados pessoais avançou 0,52%, com destaque para planos de saúde e higiene. Artigos de residência subiu 0,64%, puxado por eletrônicos e itens de informática.

Nos serviços, a inflação avançou, confirmando a persistência desse núcleo, devido à forte dependência dos custos de mão de obra. Os preços administrados recuaram, refletindo a redução na energia elétrica e quedas em gás encanado e tarifas de água e esgoto. Para janeiro de 2026, a bandeira verde deve aliviar ainda mais a pressão da energia elétrica. Espera-se para 2026, a retomada da queda nos alimentos e acomodação nos serviços, mantendo o cenário compatível com a política monetária restritiva e valorização do real.

Cenário Interno

Câmbio

Em 2025, o real se valorizou cerca de 13% frente ao dólar, encerrando o ano cotado a R\$ 5,50/US\$, após iniciar o período em R\$ 6,20/US\$. A maior parte da apreciação ocorreu no primeiro semestre, impulsionada por um ambiente externo favorável às moedas de mercados emergentes, enquanto no segundo semestre o câmbio apresentou maior estabilidade.

A desvalorização do dólar esteve associada, em parte, às medidas protecionistas adotadas pelos Estados Unidos, que elevaram a percepção de risco no mercado internacional e reduziram o apetite por ativos americanos. Esse movimento favoreceu a realocação de fluxos para economias emergentes. Com o início do ciclo de cortes de juros pelo Federal Reserve, o processo ganhou fôlego, direcionando capital para ativos com maior potencial de retorno.

No Brasil, o elevado diferencial de juros reforçou a entrada de recursos externos, contribuindo para a valorização do real, embora o dólar permaneça acima de sua média histórica, refletindo resquícios de um ciclo prolongado de fortalecimento da moeda americana.

Para 2026, projeta-se um dólar ligeiramente mais fraco, com ajuste gradual. No cenário doméstico, o ciclo eleitoral deve elevar a volatilidade cambial, enquanto as eleições legislativas de meio de mandato nos Estados Unidos podem intensificar episódios de aversão ao risco.

R\$/US\$ 5,18

28.01.2026

Cenário Interno

Câmbio

Dólar ante principais moedas em
2025 (01/01/2025 - 31/12/2025)



Fonte: Bloomberg, elaborado pela Previ

Cenário Interno

Brasil – Política Monetária

Na reunião de janeiro de 2026, o Copom decidiu manter a taxa Selic em 15% ao ano, em votação unânime, dando continuidade a uma estratégia monetária restritiva diante de um processo de desinflação ainda incompleto.

O ambiente internacional permanece marcado por incertezas relevantes, associadas ao desempenho da economia dos Estados Unidos e a fatores geopolíticos, o que tende a ampliar a volatilidade financeira e reforça a necessidade de cautela na condução da política monetária doméstica. No cenário interno, os dados recentes indicam desaceleração gradual da atividade econômica, enquanto o mercado de trabalho segue apresentando grau elevado de resiliência.

A inflação ao consumidor e seus principais indicadores subjacentes seguem em trajetória de desaceleração, mas permanecem acima da meta. As expectativas apuradas pela pesquisa Focus apontam inflação de 4,0% em 2026 e 3,8% em 2027, evidenciando persistência inflacionária, sobretudo nos preços de serviços. Nas projeções do Banco Central, a inflação medida pelo IPCA atinge 3,2% no terceiro trimestre de 2027, horizonte considerado relevante para a política monetária.

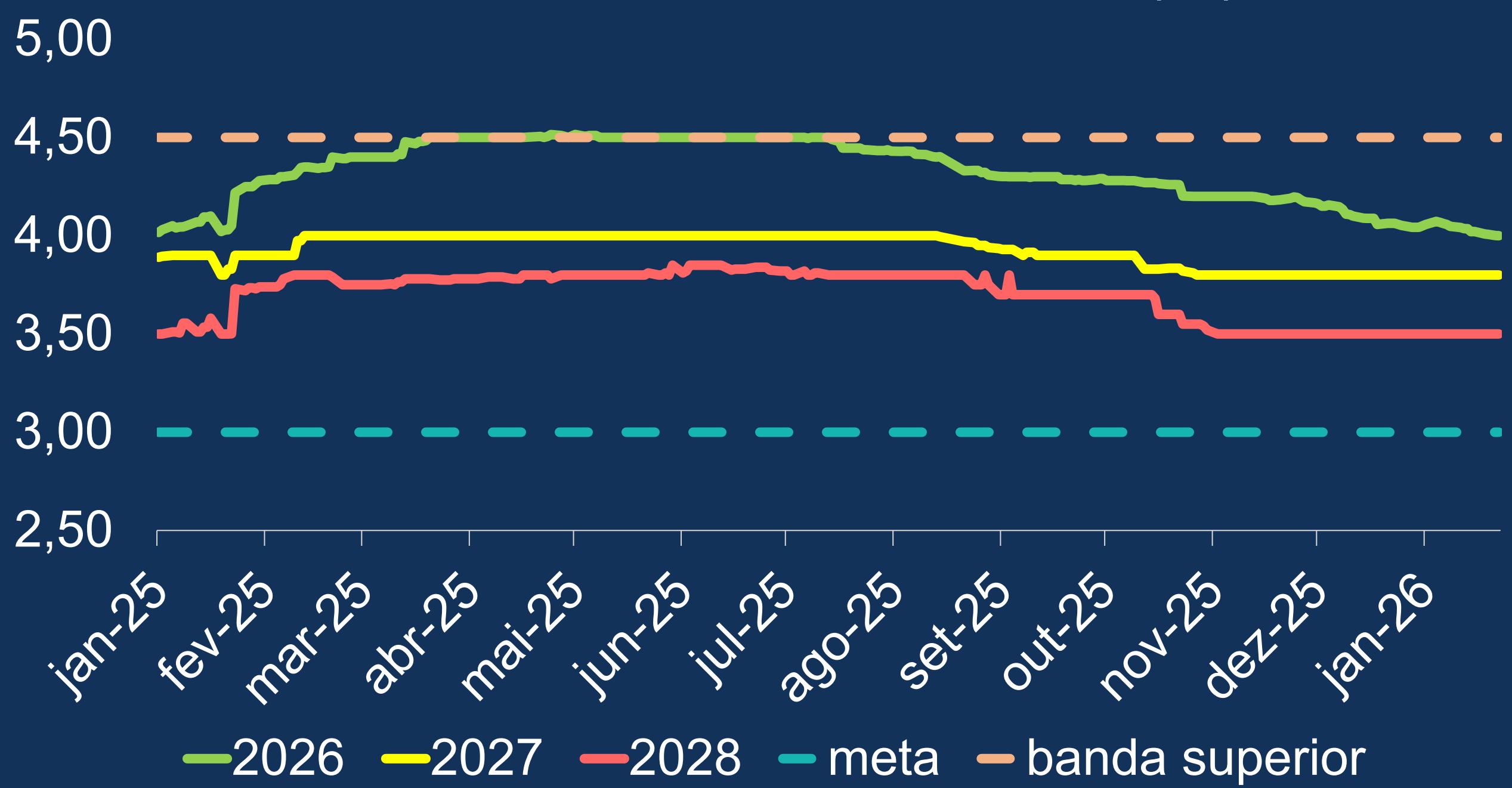
O balanço de riscos permanece elevado. Pressões inflacionárias podem vir da manutenção de expectativas pouco ancoradas, da rigidez dos preços de serviços e de choques externos que afetem o câmbio. Em sentido oposto, uma desaceleração mais intensa da economia doméstica ou global, bem como movimentos de queda nos preços das commodities, poderiam contribuir para um cenário mais benigno para a inflação.

Nesse contexto, a autoridade monetária avaliou que a estratégia atual permanece adequada e indicou que, diante da consolidação gradual do processo de desinflação, deverá iniciar um ciclo de flexibilização na próxima reunião, em março.

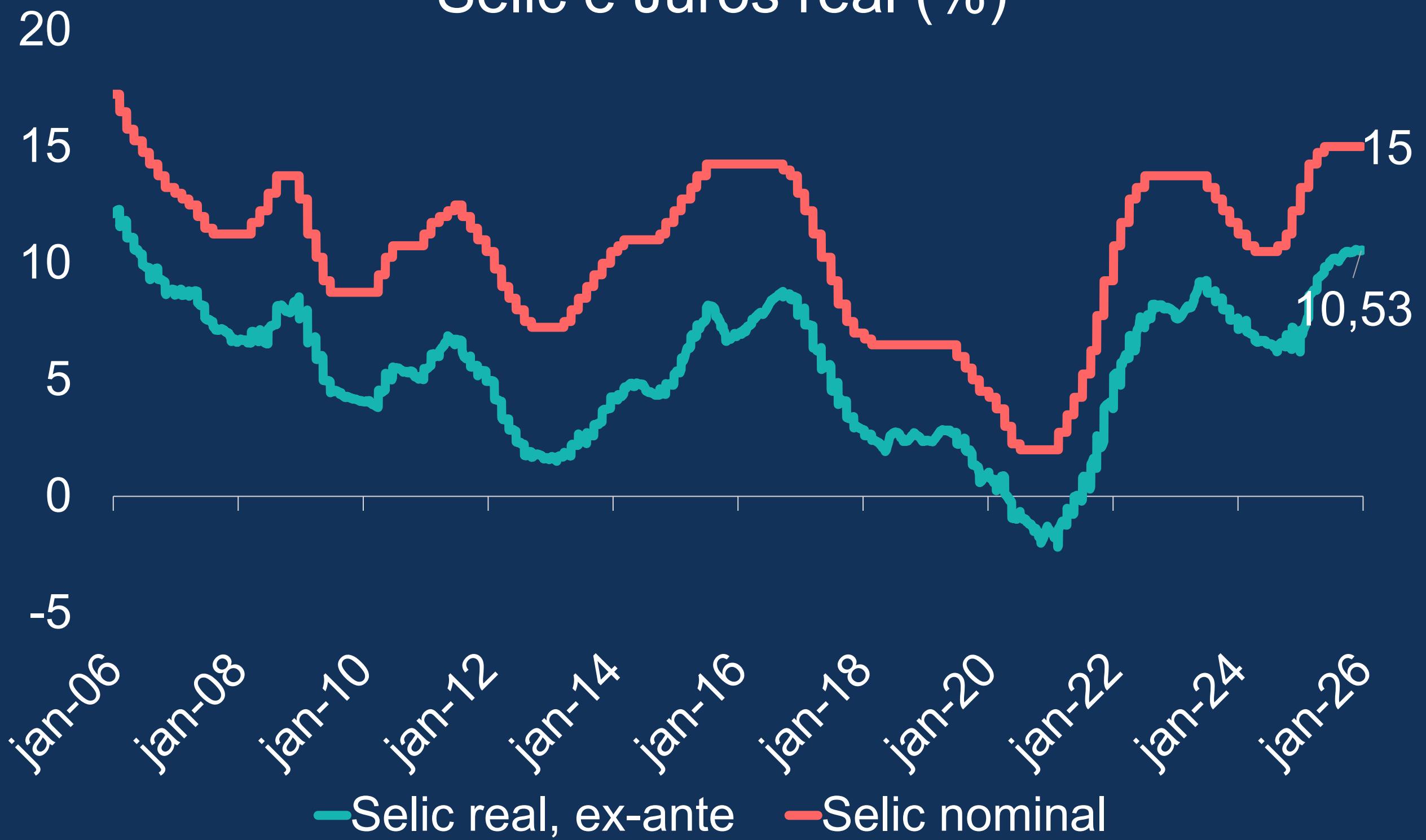
Cenário Interno

Brasil – Política Monetária

Expectativas de IPCA de 2026, 2027 e 2028
do Focus em relação a meta (%)



Selic e Juros real (%)



Cenário Interno

Brasil – Atividade Econômica

O Banco Central divulgou o IBC-Br de novembro, que registrou alta de 0,7% em relação a outubro, interrompendo a sequência de quedas observada nos meses anteriores. No trimestre encerrado em novembro, o índice acumulou crescimento de 0,2%, sinalizando uma recuperação da atividade após a desaceleração do terceiro trimestre, ainda em um ambiente de política monetária restritiva.

Na comparação com novembro de 2024, o índice avançou 1,2%, indicando que o nível de atividade segue acima do observado no ano anterior, apesar da perda gradual de fôlego. No acumulado em 12 meses, o crescimento foi de 2,4%, abaixo dos 2,6% registrados até outubro, reforçando a leitura de desaceleração gradual da economia ao longo de 2025, compatível com o patamar elevado dos juros e a convergência lenta da inflação.

A abertura setorial mostra que o resultado de novembro foi impulsionado por serviços e indústria. Os serviços cresceram 0,64%, mantendo papel central na sustentação da atividade, enquanto a indústria avançou 0,79%, revertendo a queda do mês anterior. Os impostos também contribuíram positivamente, com alta de 1,13%. Em contrapartida, a agropecuária recuou 0,27%, devolvendo parte do forte avanço observado em outubro.

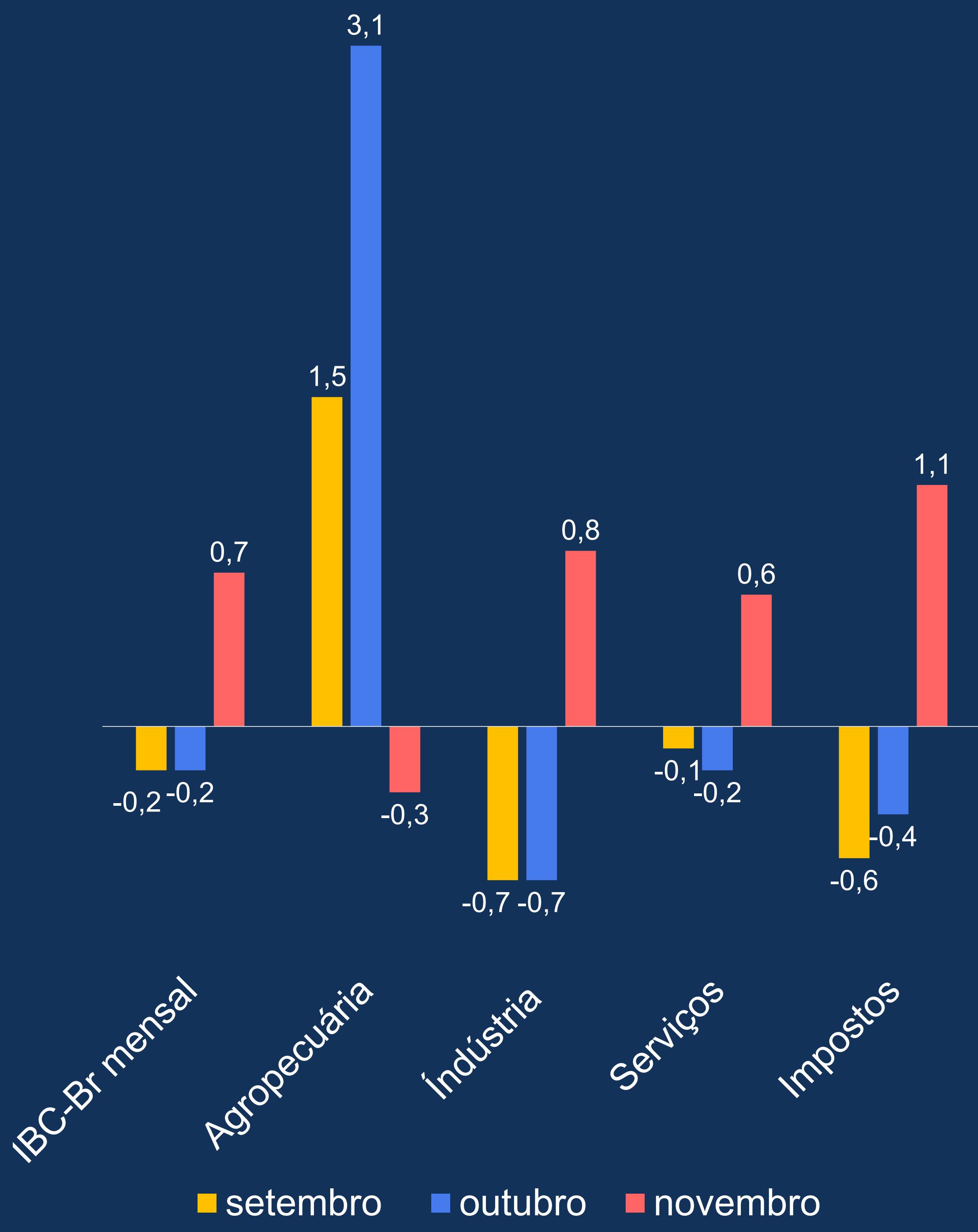
Os dados indicam que o PIB do quarto trimestre deve crescer de forma moderada, reduzindo o risco de estagnação no fim do ano, mas sem afastar o cenário de desaceleração. Para a política monetária, a surpresa positiva de novembro reforça a cautela do Banco Central, podendo adiar decisões sobre cortes na Selic, que seguirão condicionadas à evolução da inflação, da atividade e do cenário externo.



Cenário Interno

Brasil – Atividade Econômica

Evolução do IBC-Br
(variação mensal %)



Cenário Externo

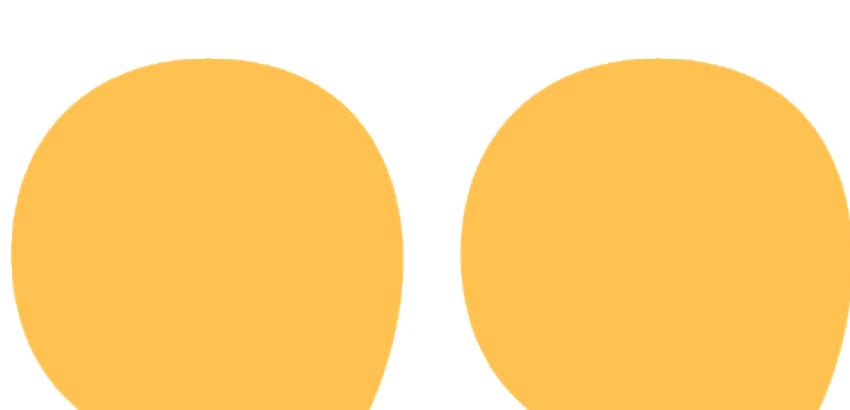
Acordo Mercosul e balança comercial

Em 2025, a balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 68,3 bilhões, 7,9% abaixo do resultado de 2024, mas ainda o terceiro maior da série histórica, reafirmando a relevância do setor externo na geração de divisas. O desempenho foi impulsionado pelo recorde de exportações (+3,5%), apesar do recuo nos preços das commodities e das tarifas impostas pelos Estados Unidos. As importações avançaram 6,7%. Destaca-se que o agronegócio teve seu segundo melhor resultado histórico, respondendo por cerca de 50% das exportações do país.

Nesse contexto, a assinatura do acordo de livre comércio entre o Mercosul e a União Europeia, em janeiro de 2026, representa um marco na integração econômica entre os blocos. O tratado amplia o acesso a um mercado de aproximadamente 720 milhões de consumidores e prevê a redução gradual de tarifas, favorecendo as exportações brasileiras, sobretudo agropecuárias, e fortalecendo a inserção do país nas cadeias globais de comércio.

Pelos termos acordados, o Mercosul eliminará tarifas sobre 91% dos bens europeus em até 15 anos, enquanto a União Europeia fará o mesmo para 95% dos produtos do bloco em até 12 anos. Em 2025, o comércio entre Brasil e UE manteve-se praticamente equilibrado, com déficit de US\$ 500 milhões. Projeções da Apex indicam crescimento de cerca de US\$ 7 bilhões nas exportações brasileiras com a implementação do acordo, enquanto estudos do Ipea apontam ganhos para o PIB, os investimentos e a balança comercial. Contudo, setores industriais como veículos, metais, têxteis e eletrônicos devem enfrentar maior concorrência externa.

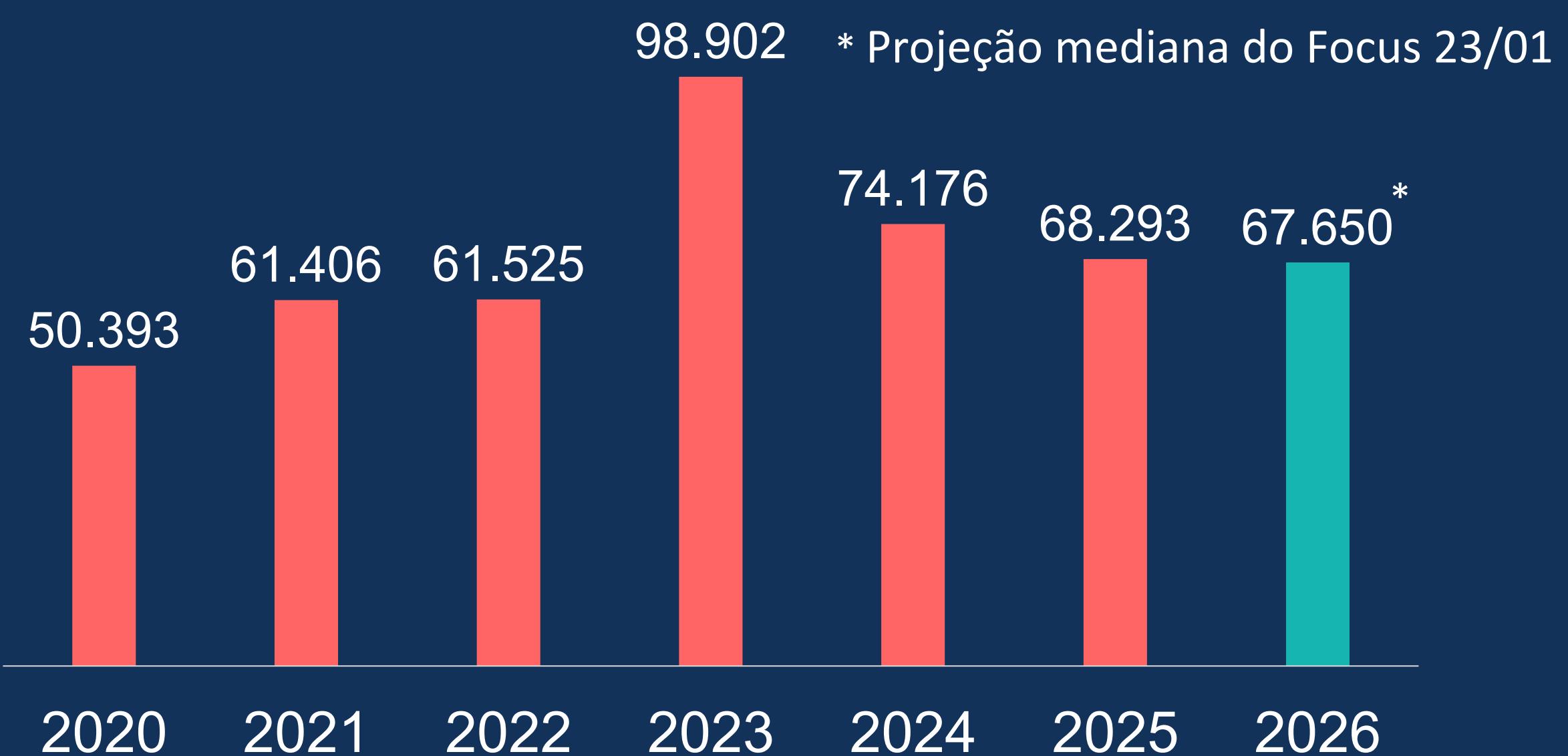
Assim, os resultados comerciais recentes e a formalização do acordo fortalecem o setor externo e criam condições para ampliar o intercâmbio econômico no médio e longo prazo. A obtenção de benefícios duradouros, contudo, dependerá da capacidade do Brasil de elevar sua produtividade, inovar e agregar valor à produção em um ambiente internacional cada vez mais competitivo.



Cenário Externo

Acordo Mercosul e balança comercial

Balança comercial brasileira anual (US\$ bilhões)



Composição das exportações brasileiras à União Europeia (%)



Cenário Externo

EUA – PIB e Inflação

Após 3 revisões, o Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos apresentou expansão acima do estimado no terceiro trimestre de 2025, refletindo um desempenho econômico mais forte do que o inicialmente divulgado. O crescimento do PIB foi alterado ligeiramente para cima no relatório do terceiro trimestre, passando de 4,3% para 4,4% em termos anualizados. Esse resultado foi impulsionado principalmente pelo aumento das exportações e por um impacto negativo menor dos estoques.

O resultado também indicou mudanças importantes no comércio exterior e na dinâmica produtiva. As empresas norte-americanas reduziram o ritmo das importações após terem antecipado compras no início do ano, em resposta às tarifas comerciais adotadas pelo governo Trump. Apesar desse ajuste, o consumo e o investimento empresarial permaneceram fortes, sustentando a atividade econômica. Esse cenário mostra a resiliência da demanda interna, mesmo diante de incertezas ligadas à política comercial.

No campo inflacionário, o índice de preços de gastos com consumo pessoal (PCE), que é a medida preferida do Federal Reserve, avançou 2,9% no terceiro trimestre de 2025 e 2,8% no mês novembro em termos anualizados, mantendo-se acima da meta do banco central. A inflação persistente, combinada a um crescimento sólido e a um mercado de trabalho relativamente estável, fortalece a expectativa de manutenção das taxas de juros. Assim, os formuladores de política monetária tendem a adotar cautela, evitando mudanças abruptas na condução da política monetária.

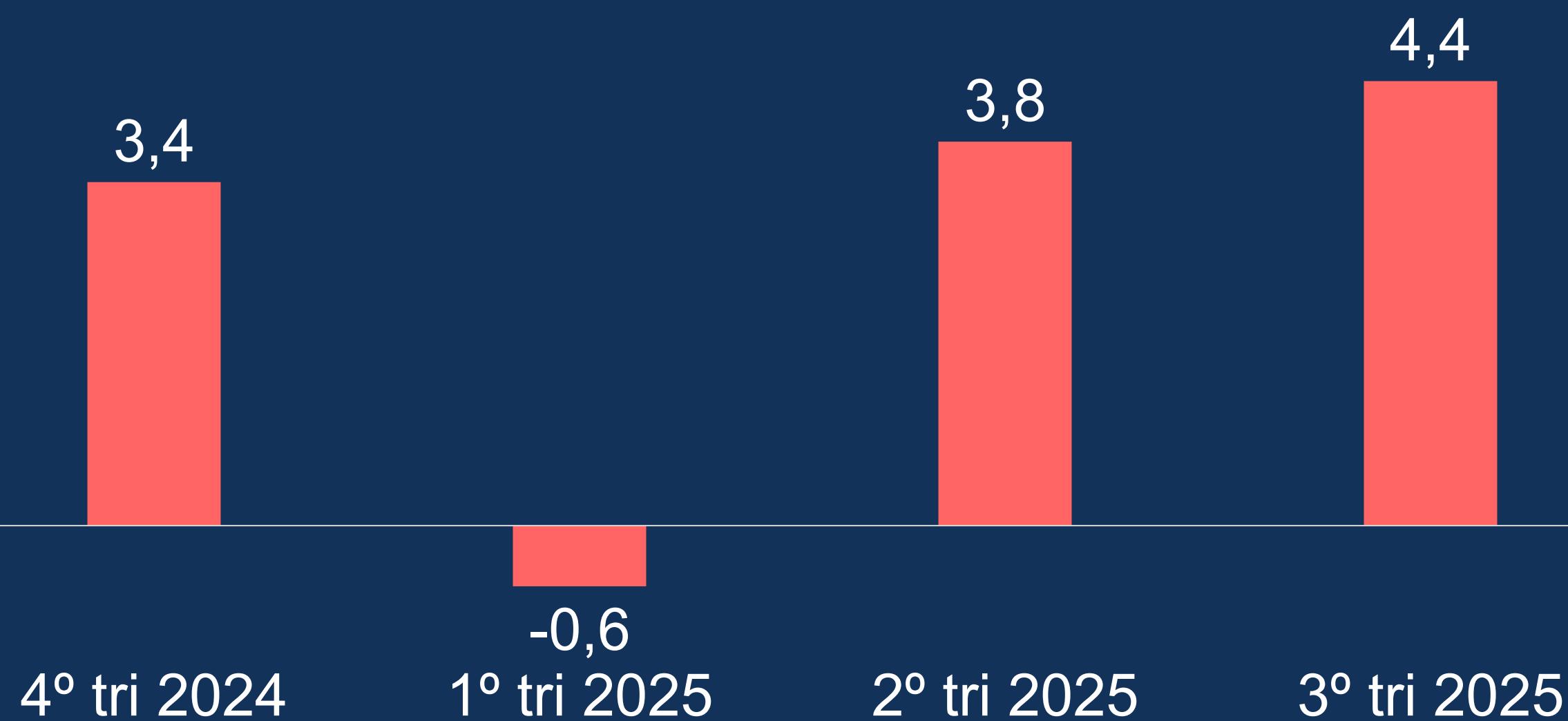
O consumo das famílias, principal motor da economia dos EUA, cresceu a uma taxa anualizada de 3,5% no terceiro trimestre. O destaque foi o avanço expressivo dos gastos com serviços, o mais forte em três anos, enquanto as despesas com bens também aceleraram.



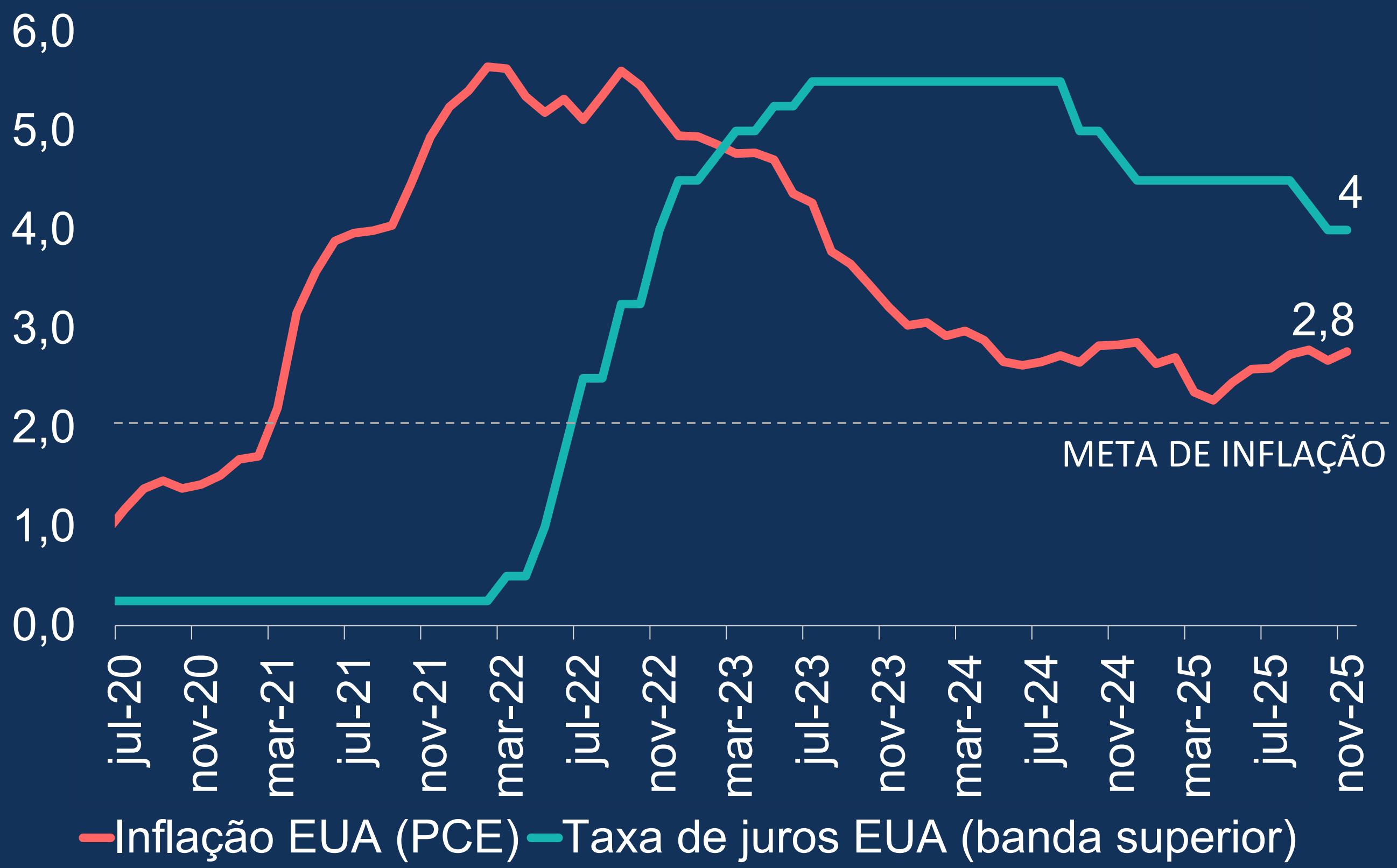
Cenário Externo

EUA – PIB e Inflação

Evolução do PIB trimestral dos EUA
anualizado (%)



Trajetória dos juros (Fed funds) e inflação
EUA (%)



Cenário Externo

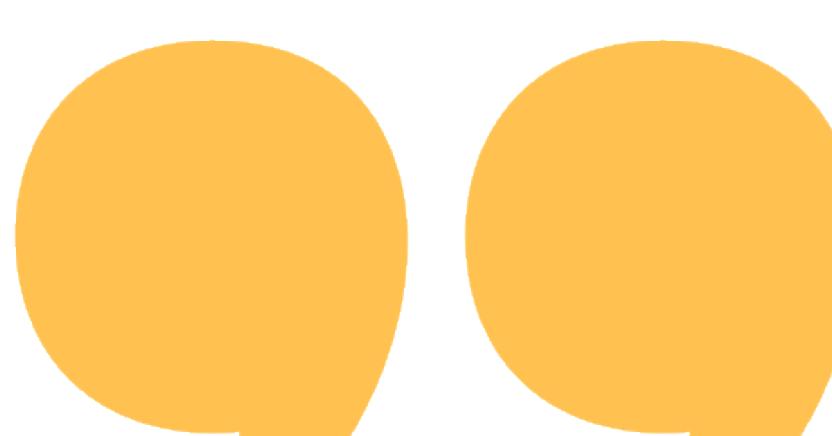
China – PIB e balança comercial

O PIB da China em 2025 apresentou crescimento de 5%, em linha com a meta, refletindo os esforços de reestruturação da economia em meio a desafios internos. A desaceleração do setor imobiliário e o consumo ainda cauteloso limitaram a expansão, enquanto a indústria, a tecnologia e os investimentos em infraestrutura sustentaram a atividade. As políticas econômicas adotadas buscaram favorecer a estabilidade financeira e a transição para um crescimento de maior qualidade. Esse cenário confirma uma mudança estrutural no padrão de crescimento chinês.

No âmbito externo, a balança comercial chinesa permaneceu fortemente superavitária e alcançou nível recorde, mesmo diante da menor demanda global, fechando 2025 com um saldo de aproximadamente US\$1,2 trilhão. As exportações desaceleraram em alguns mercados, mas ganharam fôlego com a diversificação geográfica e o avanço de produtos de maior valor agregado. As importações cresceram de forma mais contida, em linha com a moderação da demanda interna. Assim, o comércio exterior seguiu como importante suporte ao desempenho econômico.

A relação entre o crescimento do PIB e o superávit comercial evidencia a relevância do setor externo para a economia chinesa. Em um contexto internacional adverso, o país reforçou sua competitividade industrial e ampliou sua presença em setores estratégicos, como tecnologia e bens manufaturados. Ao mesmo tempo, a elevada dependência do saldo comercial manteve tensões comerciais com parceiros relevantes. Esse movimento revela ganhos econômicos, mas também riscos geopolíticos.

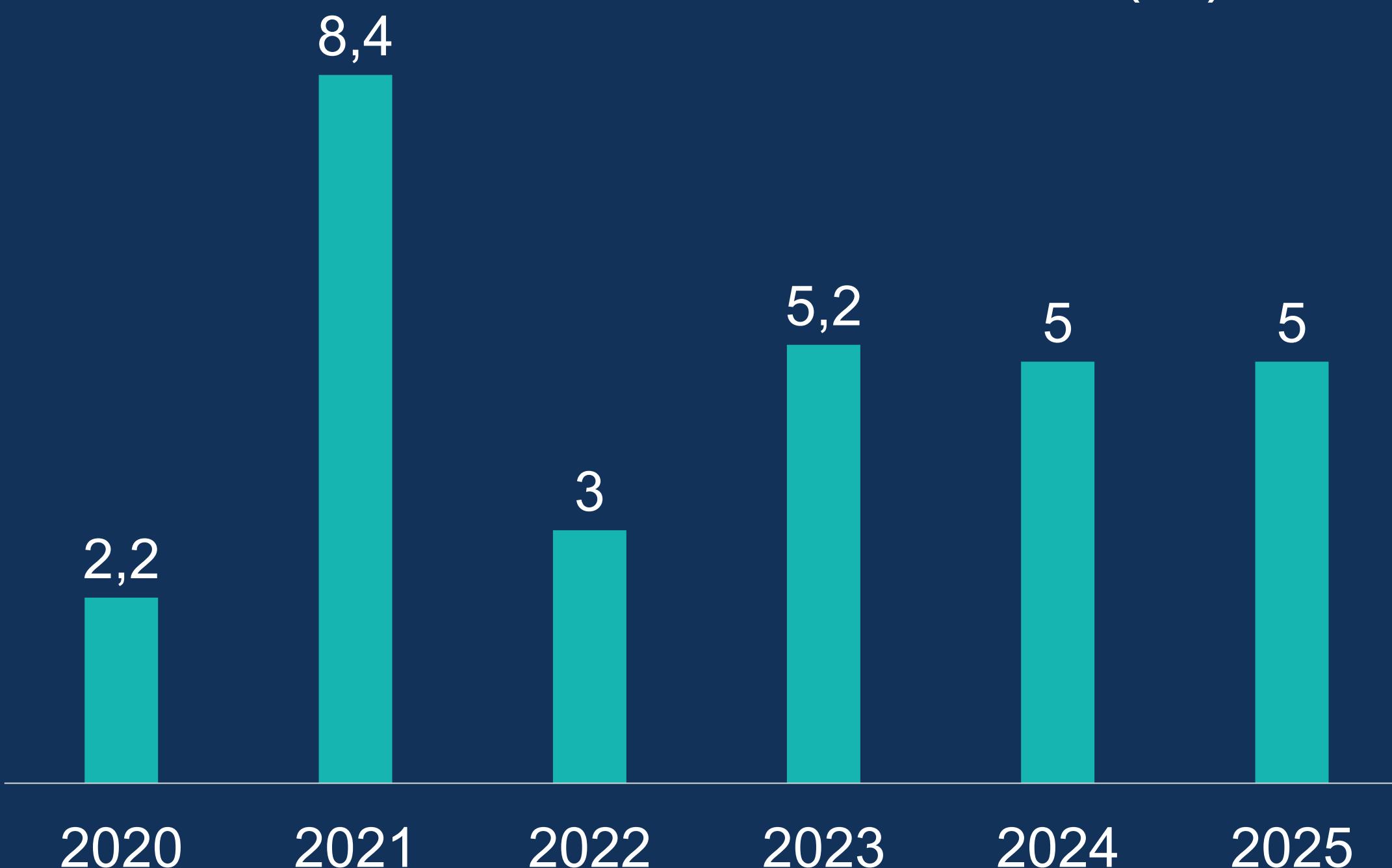
De forma geral, os resultados do PIB e da balança comercial em 2025 indicam uma economia em processo de ajuste e reequilíbrio. A China manteve crescimento, ainda que em ritmo mais lento, apoiando-se no comércio exterior e na política industrial. O desafio central segue sendo fortalecer o consumo doméstico e reduzir a vulnerabilidade a choques externos. A evolução desse processo será decisiva para a sustentabilidade do crescimento no médio prazo.



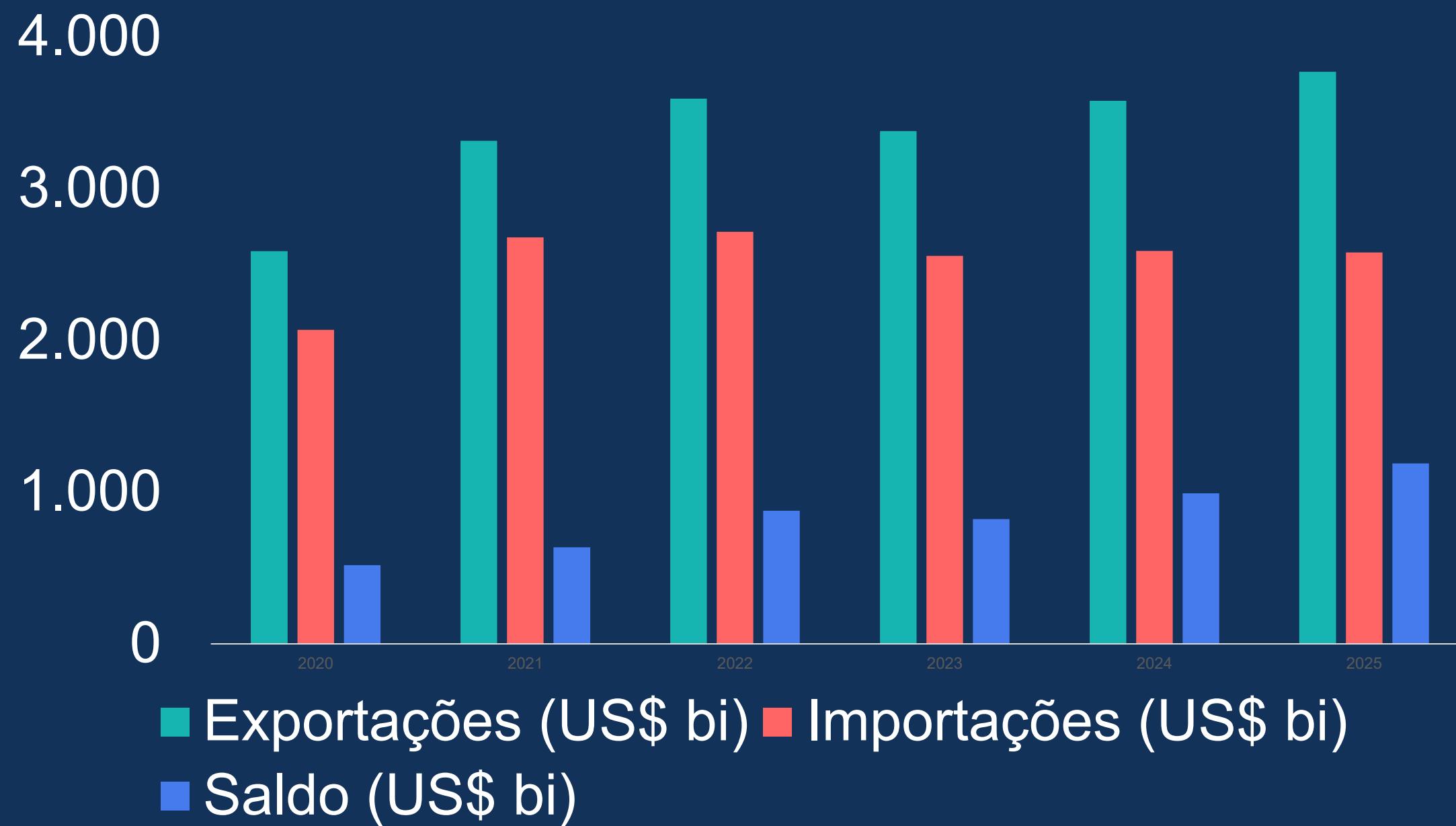
Cenário Externo

China - PIB e balança comercial

Crescimento do PIB da China (%)



Evolução da balança comercial da China



Top 5 do Bacen

A Previ iniciou 2026 com um reconhecimento de destaque: ficou entre as cinco instituições que mais acertaram previsões de câmbio referentes ao 4º trimestre de 2025 e Selic, conforme o ranking divulgado em janeiro pelo Banco Central. O resultado reforça a qualidade técnica do trabalho que monitora continuamente a economia. Estar no Top 5 evidencia a assertividade analítica e consistência ao longo do tempo. Para a Entidade, o desempenho reafirma sua credibilidade no mercado.

O ranking Top 5 do Bacen é formado a partir das projeções de cerca de 160 instituições financeiras, de pesquisa e empresas do setor real. No caso do câmbio, a classificação leva em consideração seis previsões elaboradas ao longo de três meses para o trimestre seguinte, além da média ponderada dessas avaliações, utilizando critérios que exigem constância e rigor. Em edições anteriores, a Previ já havia figurado próxima ao pódio e, desta vez, retoma sua posição de destaque. O resultado reflete a disciplina metodológica e o acompanhamento criterioso adotados pela equipe.

Esse reconhecimento tem importância estratégica, pois as projeções utilizadas pelo Banco Central influenciam decisões que afetam todo o país, como a definição da taxa básica de juros. Instituições que integram o Top 5 ganham visibilidade e reforçam sua autoridade técnica. Suas estimativas são divulgadas no Relatório Focus, referência central para o mercado financeiro.

A Previ participa da pesquisa Focus há cerca de uma década e se mantém frequentemente entre as cinco melhores. Esse histórico demonstra compromisso contínuo com análises responsáveis e decisões bem fundamentadas. Para os associados, isso se traduz em segurança, planejamento e confiança no trabalho da Entidade.



Indicadores



	Dezembro	2026**	12 meses	24 meses	36 Meses
--	----------	--------	----------	----------	----------

CDI*	1,22%	0,72%	14,32%	26,76%	43,29%
------	-------	-------	--------	--------	--------

IMA-G*	0,79%	0,31%	14,83%	20,69%	38,55%
--------	-------	-------	--------	--------	--------

IFIX*	3,14%	0,94%	21,15%	14,01%	31,68%
-------	-------	-------	--------	--------	--------

MSCI World Index + Ptax*	3,91%	-2,07%	5,69%	63,36%	69,23%
--------------------------	-------	--------	-------	--------	--------

IBOVESPA*	1,29%	3,20%	33,95%	20,08%	46,83%
-----------	-------	-------	--------	--------	--------

IHFA*	0,54%	0,99%	15,33%	21,98%	33,,33%
-------	-------	-------	--------	--------	---------

*Acesse as definições dos indicadores no glossário

** Atualizado até 20.01.2026

Análise Segmentos

Renda fixa e Renda Variável

Renda Fixa: Os índices de renda fixa apresentam comportamento divergente ao longo de janeiro. Até o dia 20, o IMA-B5, que acompanha títulos públicos indexados ao IPCA com vencimentos de até cinco anos, registra alta de 0,26%, acumulando 10,76% em 12 meses. Por outro lado, o IMA-B5+, que reúne títulos atrelados à inflação com prazos superiores a cinco anos, apresenta queda de 1,64% no período, movimento influenciado pelas incertezas políticas e fiscais, especialmente relacionadas à trajetória da dívida pública. Ainda assim, mantém valorização de 12,69% nos últimos 12 meses. O índice IRF-M, que reflete o desempenho dos títulos prefixados, avança 0,47% no mês e acumula 16,76% em 12 meses. Já o IMA-S, composto por papéis atrelados à taxa Selic, segue em linha com a política monetária e registra alta de 0,74% em janeiro, com ganho de 14,61% em 12 meses.

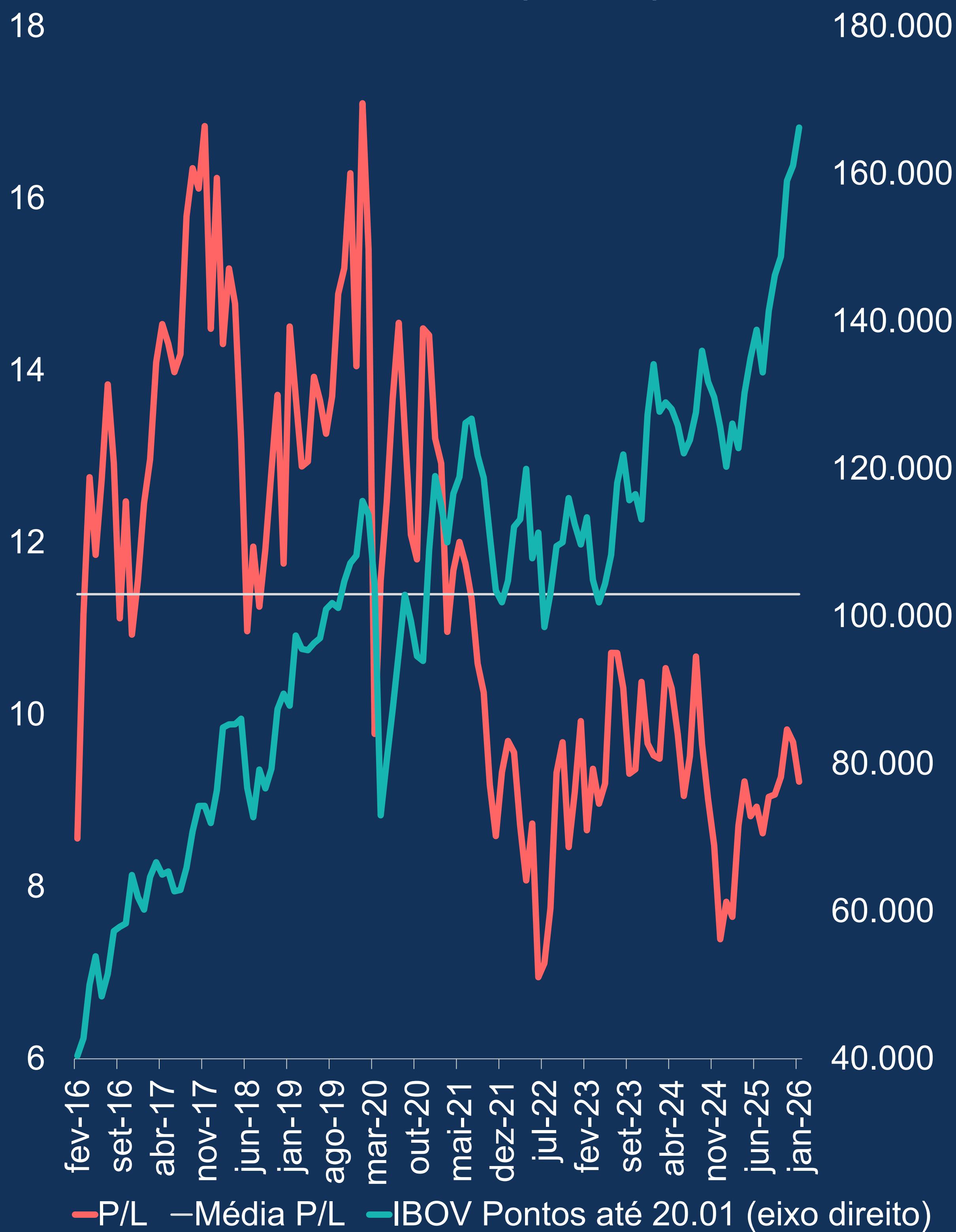
Renda Variável: O Ibovespa teve em 2025 uma rentabilidade de 33,95%, um dos melhores resultados em quase uma década, impulsionado pela queda dos juros nos Estados Unidos, que levou investidores a migrarem para mercados emergentes, ampliando o fluxo de capital estrangeiro para a B3, fortalecendo o real e estimulando setores sensíveis ao ciclo econômico diante da expectativa de cortes futuros da Selic. Já em 2026, o índice manteve o ritmo positivo e, até 20 de janeiro, acumulou alta de 3,20%, renovando seu recorde histórico ao fechar aos 166.277 pontos, movimento favorecido pelo cenário global turbulento marcado por tensões comerciais entre EUA e Europa, que levou investidores a reduzir exposição ao mercado americano e buscar alternativas.

[Clique](#) e saiba mais do resultado na
Carta do Gestor

Análise Segmentos

Ibovespa

Ibovespa - Relação preço/lucro em 12 meses e Ibovespa em pontos



Cenário Interno

Boletim Focus

O Relatório Focus de 23/01 manteve estáveis as expectativas do mercado. As projeções para o crescimento do PIB de 2026 e 2027 permaneceram em 1,80%. A estabilidade das projeções de PIB no patamar atual reflete um cenário de atividade moderada, mas ainda resiliente.

As projeções para o IPCA continuam desancoradas em relação às metas, apesar do movimento de queda. Para 2026, a estimativa recuou para 4,00%, ficando abaixo do teto da meta. Em 2027, houve permanência na casa de 3,80. A estabilidade no horizonte relevante indica persistência inflacionária, ligada sobretudo aos impulsos fiscais.

Na política monetária, o fechamento de 2025 consolidou a Selic em 15%. Para 2026, a projeção ficou em 12,25%, refletindo a manutenção do cenário. Já para 2027, permanece em 10,50%, indicando expectativa de postura gradualista do Banco Central. A combinação de inflação resistente e incerteza fiscal limita o espaço para um afrouxamento rápido. O cenário exige equilíbrio entre controle de preços e atividade.

No câmbio, houve relativa estabilidade. Para 2026, a expectativa é de R\$ 5,50 e, para 2027, de R\$ 5,51, indicando menor volatilidade no mercado de dólar.

Em conjunto, os dados reforçam a complexidade do momento econômico. O país necessita calibrar estímulos e disciplina fiscal para manter a trajetória de crescimento.

Previsões Mercado



PIB

Há 4 semanas
impacto

23/01/2026

variação

2026 (% a.a.)

1,80

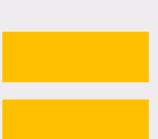
1,80



2027 (% a.a.)

1,80

1,80



CÂMBIO

Há 4 semanas
impacto

23/01/2026

variação

2026 (R\$/US\$.)

5,50

5,50



2027 (R\$/US\$.)

5,50

5,51



IPCA

Há 4 semanas
impacto

23/01/2026

variação

2026 (% a.a.)

4,05

4,00



2027 (% a.a.)

3,80

3,80



SELIC

Há 4 semanas
impacto

23/01/2026

variação

2026 (% a.a.)

12,25

12,25



2027 (% a.a.)

10,50

10,50



Glossário

Apex: sigla para Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos. É um Serviço Social Autônomo, sem fins lucrativos, ligado ao governo federal, que atua na internacionalização de empresas brasileiras, promoção de produtos/serviços no exterior e atração de investimentos estrangeiros.

Benchmark: índice ou taxa utilizados como parâmetro na medida da performance de um ativo ou carteira mobiliária e imobiliária.

CDI: sigla para certificado de depósito interbancário. É um título de curto prazo emitido pelos bancos para regularizar o fluxo de caixa entre eles. Tem vinculação direta com a taxa Selic.

ETTJ: sigla para Estrutura a Termo da Taxa de Juros. Utilizada para avaliar e representar graficamente a evolução da taxa de juros em diferentes vencimentos. Em outras palavras, reflete a expectativa dos rendimentos médios dos títulos públicos com base em contratos futuros de juros (ou DI).

Hiato do produto: é um conceito da macroeconomia que mede a diferença entre o PIB efetivo (o que a economia realmente produz) e o PIB potencial (o que a economia poderia produzir se estivesse operando em pleno emprego de seus recursos, sem gerar inflação).

Ibovespa: é o principal índice referente a bolsa de valores brasileira. O índice é calculado com base no desempenho das ações das empresas com os maiores volumes financeiros negociados.

IFIX: representa uma carteira teórica com os principais fundos imobiliários negociados no mercado.

IHFA: é uma referência para a indústria de hedge funds. No Brasil, esses produtos se assemelham aos fundos multimercado de gestão ativa, com aplicações em diversos segmentos do mercado e várias estratégias de investimento.

IMA-G: formado por todos os títulos que compõem a dívida pública.

Glossário

IMA-B 5: formado por títulos públicos indexados à inflação medida pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), que são as NTN-Bs (Notas do Tesouro Nacional– Série B ou Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais) com vencimento de até cinco anos

IMA-B 5+: formado por títulos públicos indexados à inflação medida pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), que são as NTN-Bs (Notas do Tesouro Nacional– Série B ou Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais) com vencimento igual ou acima de cinco anos.

IMA-S: formado por títulos pós-fixados atrelados à taxa básica de juros (Selic), que são as LFTs (Letras Financeira do Tesouro ou Tesouro Selic).

Ipea: sigla para Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. É uma fundação pública federal brasileira, vinculada atualmente ao Ministério do Planejamento e Orçamento.

MSCI World Index: representa o desempenho das ações de empresas de médio e grande porte em diversos países.

PTAX: é a taxa média do dólar norte-americano, calculada com base nas operações realizadas pelos bancos no mercado de câmbio e divulgada diariamente pelo Banco Central.

Fonte: Anbima (IHFA, IMA-G, IMA-B 5, IMA-B 5+, IMA-S)

Nos ajude a melhorar,
escaneie o qr code abaixo
e avalie o Boletim Cenários
Econômicos.



Disclaimer

O presente boletim, de caráter informativo, foi produzido com base em dados publicamente divulgados. A Previ não declara, tampouco garante, de forma expressa ou tácita, que tais dados sejam imparciais, precisos, completos ou corretos. Cenários, análises, projeções, prognósticos e estimativas com base em tais dados estão sujeitos a riscos e incertezas e podem ser, ainda, e a qualquer momento, prejudicados, desconsiderados e descartados, até mesmo como decorrência, por exemplo, de mudanças na conjuntura nacional e/ou internacional, divergências nos critérios e métodos interpretativos e/ou nos fatores de riscos sistêmicos e/ou associados a alterações geopolíticas, políticas, econômicas, sociais, legislativas ou regulatórias.

Este boletim não deve, em nenhuma circunstância, ser considerado como indicação, orientação, recomendação ou fonte para tomada de decisões. Compete a cada leitor realizar pesquisas, estudos e análises devidas. Qualquer eventual decisão ou ação é de sua exclusiva responsabilidade, não podendo a Previ, em nenhuma hipótese, ser de qualquer forma responsabilizada, inclusive, por qualquer perda ou dano, direto ou indireto. A Previ não assume qualquer compromisso ou obrigação, inclusive de revisar, atualizar ou complementar este boletim. A reprodução, divulgação, distribuição ou compartilhamento não expressamente autorizado deste boletim, ou de qualquer parte dele, sujeitará o infrator às penalidades.

